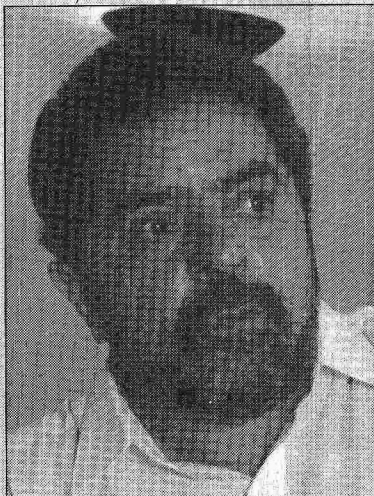


Vera Jursys 16.8.94



Lula sugeriu procurar Odebrecht

Adauto Cruz 18.4.94



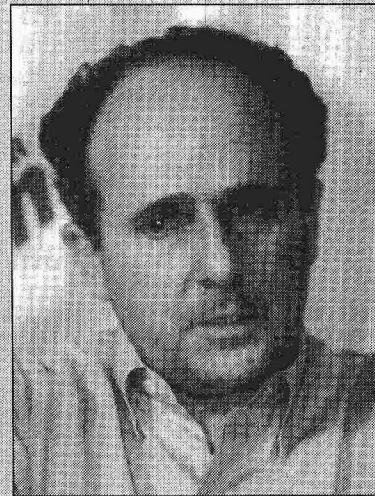
Arlete: indignada com a operação

Jorge Cardoso 21.11.94



Doyle: "Foi tudo dentro da lei"

Wanderley Pozzembom 14.11.94



Cristovam: "Não estava sabendo"

"O que é e o que parece ser"

O dinheiro Odebrecht, espúrio na CPI do Orçamento, virou um santo remédio na campanha do PT.

A sugestão de Lula de pedir ajuda — nos termos da Lei Eleitoral — às grandes empresas fez o PT brasileiro cair justamente nas garras da empreiteira que o senador José Paulo Bisol (PSB), ex-vice de Lula, apontou como líder de um governo paralelo na CPI do Orçamento.

O candidato do partido no DF, Cristovam Buarque, foi poupado desta revelação no auge da campanha.

"Cristovam confiava na gente e certamente não seria contra a doação, feita de acordo com a lei. Não contamos nada, porque ele estava concentrado apenas na campanha", justifica agora o coordenador Hélio

Doyle, que manteve o segredo dentro do partido até a noite do dia 21.

Pecado — Na reunião da executiva do PT, à noite, o tesoureiro da campanha, Amauri Barros, finalmente confessou o pecado — e a confusão começou.

O professor Clayton Avelar, tesoureiro da executiva, explodiu: "Dinheiro da Odebrecht? Mas isso é um absurdo!".

O clima pesado da reunião remeteu o problema para a quinta-feira, dia 24, quando se reuniu o diretório regional já convulsionado pela derapada ética da campanha.

A ala mais xiita do PT sugeriu a expulsão de Hélio Doyle e Amauri Barros, presentes à reunião e defendendo bravamente a transação: "Foi uma operação lícita e nenhuma exti-

gência foi imposta pela Odebrecht ao PT. Empenho meu nome nisso", jurou Doyle.

PC — O assessor arriscou a mesma defesa feita por PC Farias ante a CPI do Orçamento: "O que está acontecendo aqui é uma hipocrisia. Vocês estão preocupados não com o que foi, mas com o que parece ser".

Três propostas diferentes, todas condenando a doação, foram votadas e aprovadas, eximindo o diretório regional e jogando toda a responsabilidade sobre a dupla Doyle-Barros.

Nesse momento, mais irritado, Doyle alegou: "Se o dinheiro é ilegítimo, então não podemos ficar com ele. Vamos devolver".

Uma nova votação foi realizada e a proposta de devolução foi recusada por 14 votos contra oito,

além de cinco abstenções.

"Não haveria tempo suficiente para arrecadar todo o dinheiro e devolver até o dia 30, data da prestação de contas", explica a vice-governadora eleita, Arlete Sampaio, líder da ala radical e mais indignada.

Paciência — "Nós não escondemos nada e divulgaríamos tudo no tempo certo. Mas eu sabia que a doação da Odebrecht encheria nossa paciência, já que ela é símbolo do poder das empreiteiras", reconhece tesoureiro Barros.

Doyle acha que a denúncia sobre a doação já reflete uma guerra interna: "É uma luta política contra mim", diz ele, citando os setores mais radicais do partido que lutam contra sua indicação para o estratégico cargo de secretário de Governo.